

À espera da remoção

Tarciano Ricarto
Da equipe do **Correio**

A segunda-feira será de expectativa para os invasores de duas áreas na cidade de São Sebastião, a 26 quilômetros de Brasília. Para eles, o dia de hoje amanhece sob a ameaça de retirada. O Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo) promete desocupar, a partir das 9h, os dois terrenos destinados à fixação dos bairros Crixá e Nacional. Projeto de lei criando as áreas habitacionais foi aprovado pela Câmara Legislativa e espera apreciação do governador Joaquim Roriz. A região, ocupada desde a última quinta-feira, chega a oito quilômetros quadrados. Três mil lotes foram demarcados no local.

“Está tudo certo para retirar os invasores”, confirma Márcio Pereira, chefe do Núcleo de Planejamento e Levantamento Operacional do SivSolo. “Daqui, não saio. Pode vir até a polícia”, desafia Donizete Gonçalves dos Santos, um dos primeiros a demarcar, irregularmente, lote no bairro Crixá. “A gente não vai sair daqui. A terra é nossa”, reitera Cristiane Lopes, vizinha de Donizete na invasão. Na maioria dos lotes demarcados, nenhum barraco foi construído. O que mais existe no terreno são cordas, barbantes e arames farpados — o que pode facilitar a retirada.

O anúncio de desocupação contradiz o discurso do governador Joaquim Roriz, que no último sábado reforçou seu apoio aos invasores de terras do Distrito Federal. Durante inauguração de trecho asfaltado da DF-320, em Planaltina, Roriz afirmou que doar

lotes se tratava de uma missão a ser cumprida por ele como governador. “Podem me processar. Podem me cassar os direitos políticos. Vou continuar dando lotes para igrejas, vou dar lotes para os pobres e vou titular as terras do Distrito Federal”, prometeu.

Se a operação do SivSolo ocorrer, os ocupantes prometem recuperar a área logo em seguida. Situação semelhante aconteceu, há quase três meses, quando a primeira área, entre as cidades do Paranoá e Sobradinho, foi invadida. Funcionários do SivSolo desmontaram os primeiros barracos armados no local. Mas, após a saída dos agentes, tudo foi remontado, transformando-se, hoje, numa cidade batizada pelos invasores de Itapuã II.

No local, tem até madeira. Além de fornecer material de construção para ocupantes do Itapuã II, o comércio entrega encomendas, em domicílio, nas invasões próximas. Ao todo, são quatro áreas invadidas, entre Paranoá e Sobradinho. Duas da União e duas reivindicadas por particulares. “Em toda a região do Paranoá, está faltando material. Das 60 folhas de madeirite que recebi sábado, já vendi 50”, comemora Francisco Monteiro Guimarães, dono da madeira improvisada.

“NÃO PRECISAVA OCUPAR”

Para os invasores de São Sebastião, resistir à desocupação de hoje é o passo inicial para ficar na área. Precedente já existe com as quatro áreas ocupadas nas proximidades do Paranoá. Os invasores não foram retirados mesmo com decisões judiciais ordenando o contrário. Em uma das tentativas de desocupar parte da área, foi o próprio governador quem impediu o trabalho dos oficiais de Justiça.

A maioria dos ocupantes dos terrenos dos bairros Crixá e Nacional está inscrita no Movimento dos Inquilinos de São Sebastião, presidido por Ivonildo Di Lira, assessor do deputado distrital José Edmar (PMDB). Apesar da fama do deputado em apoiar invasões no DF, Di Lira garante que Edmar não está por trás dessa nova ocupação. “O projeto dos bairros já foi aprovado. É só ter um pouco mais de paciência. Não precisava ocupar a área”, aconselha aos invasores.

Alguns deles saem na defesa de Edmar e Di Lira. “Estamos aqui por nossa conta. A iniciativa foi do povo. Não tem ninguém por trás da gente”, tenta justificar Cristiane Lopes, que mora de favor em um barraco.

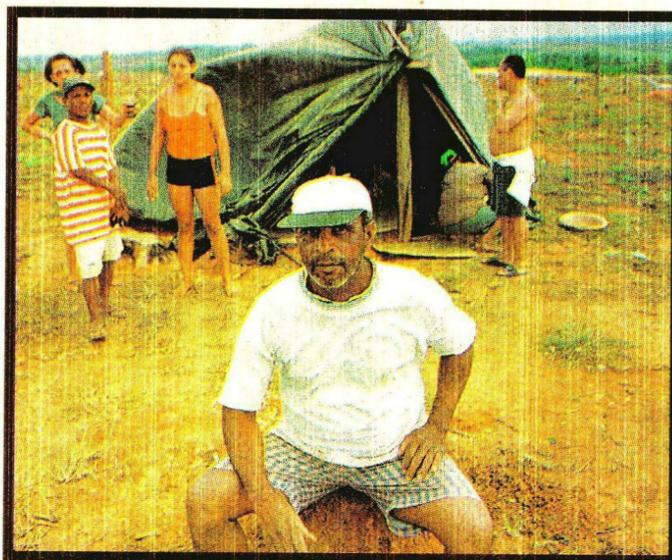
HISTÓRIAS DE INVASORES

Fotos: Ricardo Borba



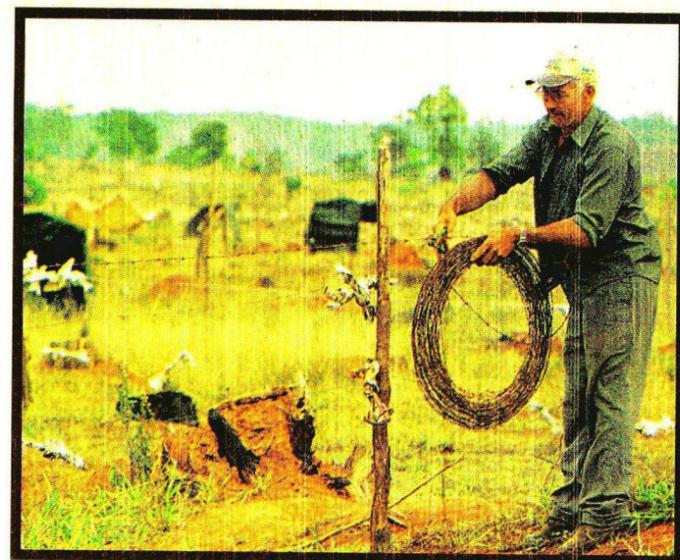
NOVO LAR

A piauiense Eva Carlos Rodrigues, 27, e o baiano Domingos Rodrigues de Brito, 21, mudaram-se ontem para a invasão do bairro Crixá, em São Sebastião. A casa não é bem a que eles planejaram em um ano e meio de casamento. É coberta por um plástico preto e sustentada por quatro estacas. Hoje foi o primeiro dia que amanheceram na invasão. Passaram todo o domingo construindo o novo lar. “Pagamos cem reais de aluguel num cômodo”, conta a doméstica Eva, que ganha R\$ 200 reais por mês. Domingos é pedreiro e recebe o mesmo salário.



RESISTÊNCIA

Donizete Gonçalves dos Santos — jardineiro desempregado e pai de três filhos — promete enfrentar qualquer tentativa de retirada dos invasores da área. Ele foi um dos dez primeiros a chegar no local. Está inscrito no Movimento dos Inquilinos de São Sebastião e diz não ter mais paciência de esperar por um lote. “Hoje estou morando de favor. Não tenho dinheiro para pagar aluguel de até 180 reais”, conta. “Quando cheguei na invasão, só tinha um pessoal ali na frente. Depois foi chegando mais e mais gente”, recorda. “Daqui, não saio. Pode vir até a polícia”, desafia.



FUGINDO DO ALUGUEL

O operador de máquinas Dorgival Pinto de Moraes, 54, não teve dúvidas quando soube da invasão próxima a sua casa em São Sebastião. “Vou pra lá. Se der certo, tudo bem”, pensou. Um dos sete filhos foi quem deu a notícia. Dorgival se apressou e logo na quinta-feira, primeiro dia da invasão, demarcou seu espaço de forma improvisada. Ontem foi dia de reforçar fronteiras com arame farpado. “Eu preciso de uma moradia. Moro com esposa e filhos, pagando aluguel de 170 reais por mês”, revela seus motivos para invadir. “Errado é quem já tem lote e sai invadindo outras terras. Já vi muita gente desse tipo por aí”, reclama.

ESTRUTURAL QUER FALAR COM RORIZ

O trânsito na DF-095 (Via Estrutural) corre risco de ser fechado na quarta-feira. Os líderes comunitários da invasão da Estrutural aguardam a confirmação do encontro com o governador Joaquim Roriz para amanhã. Eles cobram do GDF a regularização do assentamento. O horário e local da reunião serão definidos hoje. “Estamos aguardando o retorno do administrador do Guará, José Orlando de Carvalho, que está acertando o encontro”, afirma o vice-presidente da Associação Comunitária da Vila Estrutural (Ascove), Reginaldo Araújo.